

## ECONOMIA

# Mais produção, vagas e reajustes

Deloitte e Firjan mostram que, neste semestre, empresas vão contratar e elevar preços

Gustavo Villela e Flávia Oliveira

**A**retomada da atividade econômica do país, puxada pelas exportações e pelos primeiros sinais de reaquecimento do mercado interno, já está renovando o ânimo das empresas do Estado do Rio. Depois de o Brasil amargar uma recessão no primeiro ano do governo Lula, agora, a maioria das companhias fluminenses está otimista em relação a este segundo semestre de 2004: esperam elevar produção e faturamento. E para os trabalhadores, uma boa notícia: uma em cada quatro empresas do Rio pretende aumentar o quadro de funcionários. A mudança de humor está diagnosticada em duas pesquisas inéditas da consultoria Deloitte e da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan).

Em meio à onda de otimismo, os consumidores já podem ir preparando o bolso: 74% das empresas do estado têm planos de reajustar os preços dos seus produtos ou serviços até o fim do ano. Pior: deste total, 21% vão aumentar acima dos índices de inflação. As conclusões são da primeira edição do painel "Indicador Regional Rio de Janeiro", realizado pela Deloitte com as 600 maiores empresas fluminenses, dos setores industrial, de comércio e serviços.

Para o economista José Carlos Monteiro, sócio-diretor da consultoria e coordenador do levantamento, não é à toa que 69% dos executivos entrevistados apostam no aumento do faturamento. Ao mesmo tempo, a maioria antevê a possibilidade de emplacar reajustes até dezembro:

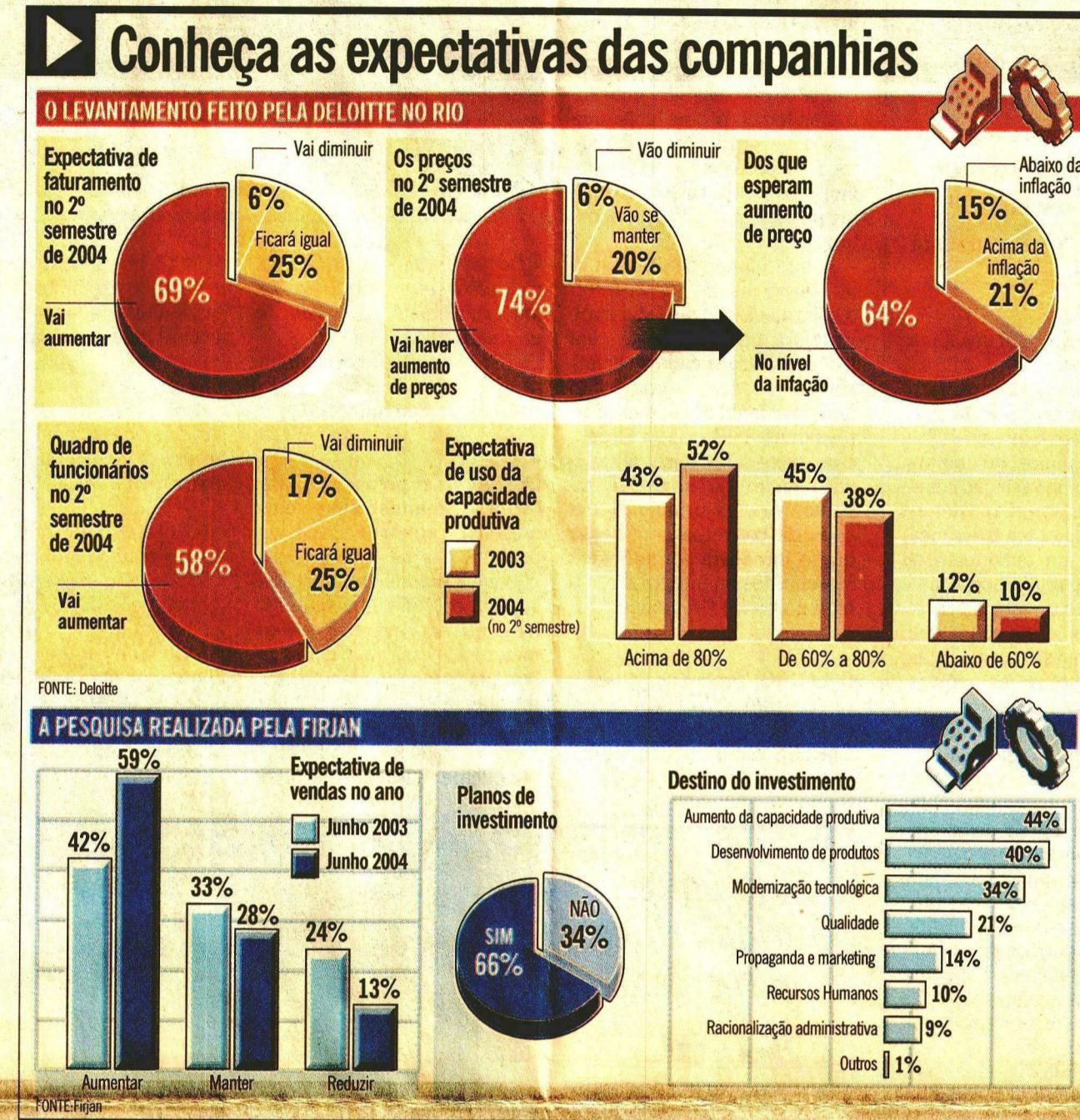
— A recomposição de preços é o fator negativo em qualquer reaquecimento da economia. À medida que o mercado sente o aquecimento, há uma tendência de recomposição de margens de lucros, que estavam muito apertadas. Além disso, no meio do ano há sempre aumentos de tarifas, como de telefone e pedágios, o que pressiona os preços.

## Firjan vê retomada dos investimentos

• A Firjan, por sua vez, comemora o bom resultado de sua "Avaliação e expectativas da indústria fluminense". Foram consultadas 154 empresas, de 15 setores industriais e da construção civil, que explicitaram a confiança na retomada da atividade econômica. Numa prévia dos indicadores econômicos do primeiro semestre, 51% das indústrias disseram ter vendido mais entre janeiro e junho deste ano que no mesmo período de 2003. Nada menos que 59% das companhias esperam terminar 2004 com resultado positivo. Um ano atrás, a proporção era de 42%.

— Os resultados foram excelentes e revelam grande otimismo por parte dos empresários fluminenses — resumiu Luciana de Sá, chefe da Assessoria Econômica da Firjan.

A pesquisa da Federação identificou ainda a disposição dos empresários em voltar a investir. Segundo Luciana, dois terços dos en-

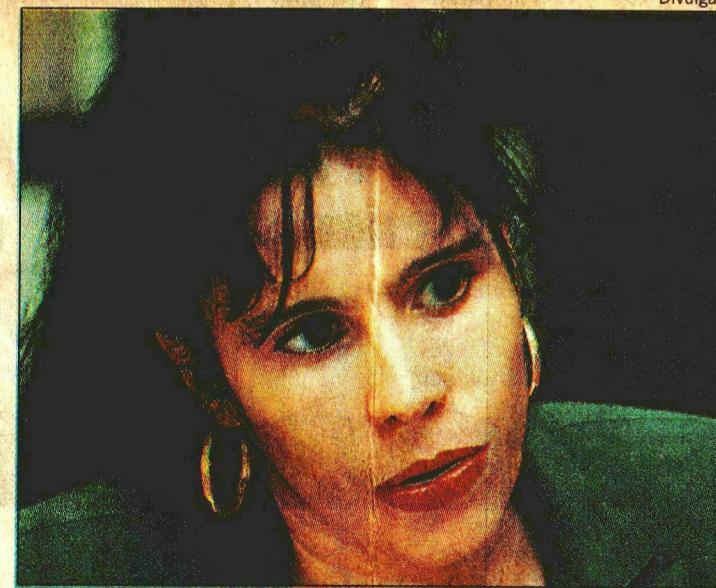


trevistados disseram que pretendem fazer novos investimentos ainda este ano. Dos 16 segmentos investigados, em apenas dois a intenção de não gastar supera a de investir: têxtil (60% não planejam gastos) e produtos diversos (52%). No que diz respeito ao emprego, 66% falam em manter o quadro atual de funcionários e 22% querem contratar.

— Está ficando claro para os empresários que o ambiente é de estabilidade. Isso aumenta a confiança e leva à retomada do investimento — completou Luciana.

Dentre as empresas com planos de investimentos, 44% pretendem destinar recursos ao aumento da capacidade produtiva. Para os economistas, trata-se de uma estratégia fundamental para assegurar o crescimento econômico de longo prazo. Outros 40%, segundo a pesquisa da Firjan, apostam no desenvolvimento de novos produtos. A modernização tecnológica, importante indicador de aumento de produtividade, foi o terceiro item mais citado: 34%.

Segundo o diretor da Deloitte, no caso do Rio, o otimismo das em-



LUCIANA DE SÁ: "Os resultados revelam o otimismo dos empresários"

presas reflete também os péssimos resultados do ano passado. Ele ressalta que hoje é grande a demanda reprimida, especialmente nos setores de indústria, comércio e serviços do estado — "exceto hotéis, a área de turismo e restaurantes".

— Esses três setores já estão se reaquecendo. Estavam numa situação caótica: 2003 foi muito ruim e o primeiro semestre de 2004 não foi bom como esperávamos, porque houve problemas políticos. Agora, ultrapassados os problemas não há outra expectativa se não a de otimismo. Mas esse otimismo, na ver-

dade, é uma volta ao que já vivemos.

Ainda segundo a pesquisa da Deloitte, o fôlego exportador brasileiro — movido pelo câmbio mais favorável, acima de R\$ 3 — também contagiou as empresas do Rio. No painel, metade das companhias fluminenses pesquisadas (58%) já realiza operações de comércio exterior. Desse total, 59% prevêem incremento nas vendas externas este ano.

— O forte crescimento dos EUA também está aquecendo as exportações. Eles

estão muito aquecidos e o resto do mundo vai no vazio. E a própria economia interna brasileira, com as expectativas das eleições, movimenta mais os governos e os municípios, o que fomenta o emprego e a atividade econômica — disse Monteiro.

Do lado das importações, há outro sinal de recuperação econômica no país. Para 76% das companhias do Rio que têm negócios com o exterior, os volumes de importação de produtos vão aumentar ou, pelo menos, se manter nos níveis atuais. — Se aumenta a exportação, na

outra ponta, há uma demanda maior por importados. E com a globalização, as empresas não podem ficar só no mercado interno: temos vantagens comparativas, como câmbio e mão-de-obra, com custos mais baixos. Mas há impostos, carga tributária e o Custo Brasil que tornam nossos produtos mais caros — disse o diretor.

A Firjan consultou as empresas sobre os problemas que inibem a concorrência no país. O assunto mais citado foi a carga tributária, com 70% de menções. Em seguida, estão encargos sociais elevados (46%) e o custo elevado de insumos (40%). ■